

**2º Lugar**

**Pseudônimo: SEMI-VÉU**

## **NOITE QUASE**

**Luis Alberto F. Brandão Santos**

**LETRAS**

**Mestrado em Literatura Brasileira**

Anoitecer nem era áspero. Acontecia, apenas: semi-véu lento, negridades semi-súbitas. Com um olho na luz, com um olho na sombra, ela se desequilibrava no trânsito pelo tempo. Ou era o tempo que por ela passeava? Oblíquos mutuamente, ela e o nem-tempo, iam dependurados. Pelas frestas da janela: já passara a luminosidade?, o amarelo halo de tonalidades infindas? Ah, noite, noite invadida ainda por de-dias relutantes. Mera sombra ao sol? Ah, ela nem sabe: esses cinzamentos.

Ela levanta-se num salto, rapidamente. Talvez não tão rapidamente. Pesa. Talvez não pese: está leve, mas flébil. Talvez um pouco menos que flébil: aturdida. Arrasta no ar, esse ar menos de si. A velocidade é um pouco menos que imóvel. Ela está antes do zero, por isso desloca-se assim. Nem sai do lugar, por isso avança com uma violência impensável. Pré-abrupta.

Prepara um suave naufrágio na banheira espumosa. Quer aerar-se, ficar gel, completamente, dissolvida em vapores. Atenção para o mergulho: é agora a fremência das temperaturas que se espalham em ondas aquáticas. É justamente esse calafrio que move, na água, o corpo: propulsão hidrostática. Ah, sim, sem dúvida alguma, ela é muito científica. Com o esfregar ritmado, minuciosamente, elabora a nova pele. Flutuosa em seu frescor, reemerge. Por pouco nem sente o peso da carne, a consistência

da musculatura. É apenas a gota discreta, breve rio sem norte, que no piso do banheiro pinga. Sem ossos até: por pouco é puro líquido, triunfo da limpidez que se absorve totalmente na toalha felpuda.

Ela repousa um pouco sobre a cama retangular. Seu corpo assim, lançado e inerte, como um jogo de varetas. Ela é um mero desenho, a configuração aleatória de traços sobre o retângulo da moldura. Quem teria gerado o conjunto dessas interseções? Soprado o arranjo dessas formas? Um anjo? Sim, ela se julga ímpar. E se sonha casual. Mas ao criar o anjo, sua pele se dilata. Um frêmito. Imperceptivelmente. Mas o bastante para abolir, para sempre, uma possibilidade: o acaso do seu próprio corpo.

Então ela se move. Mira-se. Caminha pelo quarto. Veste-se. Vibra-se. Urge-se.

Pronto. Caminha até a sala.

Já já aguça suas antenas. Por pouco ela está muito alerta. Em pé no meio da sala, perscrutando todos, sem exceção, os espaços auditivos que a cercam, aproximadamente. Ela filtra cada onda acústica, todas. Ela é incrível, radar supersônico. Agora quase localiza seu alvo.

Não, não, ainda não.

Sim, sim, agora ela começa a captar, ao longe, longe mesmo, uns sinais, ruídos minúsculos, num canto do silêncio. Sim, vem daquele canto, ali, bem à direita da sala, imperceptível, naquele cantinho escondido do silêncio. É um pré-som, que começa, se forma, ainda. Mas ela já quase ouve, o ruído-feto. Como se fosse o pequeno latejar de um vazamento potencial. Ela está atenta, por pouco muito atenta, com os olhos provavelmente fixados naquele canto da sala que seu ouvido devora, certamente. Por pouco ela até já ouviu o som estridente do telefone mudo. Mas de uma mudez, ah, sim, sim, já plena de barulhos.

Certamente.

Pronto. Tão bonita! — ela até pensa consigo mesma. Ou com o espelho, que nela vara o reflexo da seda, a pele suave, os brilhos brevíssimos. Tudo ressalta nesse movimento de perfumes que se ouriçam, se enroscam.

Ela até parece bailar feliz nas estrelas, se as estrelas, de fato, entrassem sua palidez pela janela. A janela já fechada.

Ela até parece se soltar numa embriaguez embalada por doçuras, se, de fato, as bolhas de champanhe fizessem cócegas nas suas narinas. O gelo, no balde de prata, já derreteria.

Tão bonita! — o espelho a reverenciaria novamente, se, de fato, espelhos refletissem na escuridão. Todas as luzes já apagadas.

Está sentada: essa é, agora, a sua ação. Quem ousaria, entretanto, negar que ela ainda se move? Tudo exorbitava no desfalecimento.

Por um triz, ali sentada, nessa noite. Sim, nessa noite, nesse escuro, de fato. Incrível, nesse escuro, quase a seu lado, ela te vê, nessa noite.

Na verdade, nessa quase nem noite mais.

Ainda, ainda, ainda.

Nesse escuro, quase já luminoso talvez.